

As Imagens de Timor

João Loureiro

AS IMAGENS DE VELHOS POSTAIS ILUSTRADOS constituem, a par de raros acervos fotográficos na maior parte na posse de particulares, a melhor fonte iconográfica para a construção da História Contemporânea de Timor – fins do século XIX e século XX.

E, neste como em tantos outros capítulos, são incontornáveis os espólios documentais armazenados nos arquivos e noutros tipos de instituições portuguesas, apesar da relativa escassez das imagens face à produção existente no domínio dos escritos.

Esta ilação antecipada é visível em sucessivos registos: desde a obra pioneira fundamental sobre Timor da autoria do governador Afonso de Castro, «As possessões portuguesas na Oceânia», editada em 1867, até às descrições dos primórdios do século passado da autoria de dois militares de pena escorreita, o tenente da marinha Jaime do Inso e o capitão Armando Pinto Correia; desde os estudos históricos dos anos 30 e 40 de Humberto Leitão, Faria de Moraes e Luna de Oliveira, até às abrangentes narrativas sobre «A Ilha Verde e Vermelha de Timor» do Juiz do quadro ultramarino Alberto Osório de Castro ou sobre a «Arquitectura Timorense» do agrónomo e etnólogo Ruy Cinatti; ou, finalmente, desde a extensa monografia elaborada por um militar culto como Hélio Felgas, nos anos subsequentes à reocupação do pós-guerra, aos recentes ensaios de universitários versados no Oriente português como Artur Teodoro de Matos ou Luis Filipe Thomaz.

Em todas estas obras e autores de referência na bibliografia timorense não são de facto abundantes os conteúdos iconográficos, salvo no caso do mencionado livro de Cinatti e numa interessante monografia denominada «Colónia Portuguesa de Timor», editada em Hong Kong, no ano de 1928, por incumbência do governador Teófilo Duarte, que contem uma colecção de vinte e uma fotografias de inenarrável valor docu-



Uma cerimônia oficial típica, nos fins dos anos 50, podendo ver-se, da esquerda para a direita: o indivíduo mais alto é o antigo deportado e comerciante Viegas Carrascalão, depois o administrador de circunscrição José Duarte Santa, o bispo de Díli, D. Jaime Goulart, e o governador Serpa Rosa (foto do álbum de D. Maria de Lurdes Duarte Santa, viúva do administrador Duarte Santa).

mental: edifícios de Díli (câmara municipal, hospital, mercado, escola, missão), cafeeiros e florestas, colonos europeus e régulos, postos militares e companhias indígenas de infantaria.

De salientar também, fora do âmbito das edições literárias, a existência de um raríssimo álbum de fotografias mandado organizar pelo antigo governador de Timor, Eng. Álvaro de Fontoura, em 1938, cobrindo aspectos da cidade de

Díli e de algumas vilas, das montanhas e das ribeiras, dos tipos étnicos e de facetas do quotidiano timorense.

Deste álbum, inexistente nas nossas principais bibliotecas e arquivos, apenas conheço dois exemplares na posse de particulares, a que aludi no meu livro «Postais Antigos & Outras Memórias de Timor» (1999).

E é precisamente nos velhos postais foto-



Um missionário e os seus educandos
(foto datada de 1909, que integra um lote
de trinta fotografias de Timor, pertencentes
à colecção particular de João Loureiro).



Rua do Comércio, Díli,
(postal editado por Geisler, c. 1910).



> Edifício da Câmara Municipal de Díli, já desaparecido, (postal editado pela Missão Católica, c. 1935).

>> Mulheres num bazar, (postal editado pelo Movimento Nacional Feminino, em Timor, c. 1968).

gráficos que se encontra um precioso auxiliar da reconstituição visual dos finais de Oitocentos e das posteriores décadas da presença portuguesa em Timor, embora o respectivo número de editores seja diminuto em relação a outras antigas colónias.

Alguns deles ainda se encontram por vezes nos alfarrabistas e lojas de curiosidades antigas

de Lisboa e de outras cidades portuguesas, ou são oferecidos de forma mais sofisticada e onerosa em leilões de livros e de papéis de valor.

Mas seguramente que, esquecidos nos armários e nas gavetas de antigos funcionários, militares ou residentes ultramarinos, ou arrumados a um canto de uma mala de porão, se encontrarão ainda dispersos pelo país verdadeiros tesouros da história e da iconografia da longínqua nação lusófona do Oriente.

Por tudo o que fica exposto não tenho muitas dúvidas que, na edificação dos alicerces da História de Timor, as fontes portuguesas, seja de que natureza for, não deixarão de ter um papel de relevo incontornável.

E que essa aliança de saberes e de afectos continuará a moldar de forma irresistível o relacionamento entre portugueses e timorenses.

